

OPINIÃO

Desafios de um empreendedor estrangeiro no Brasil

Marcos Boysen (*)

Empreender é um desafio. Empreender em outro País torna a tarefa ainda mais árdua

Quando cheguei ao Brasil, em 2015, a convite de um fundo de private equity para formar parte da cúpula diretiva da empresa aqui, não passava pela minha cabeça começar algo do zero. Porém, após dois anos, abrir o meu próprio negócio se tornou não apenas uma opção, mas um desejo iminente.

O choque cultural entre a minha formação e dos meus "hermanos" brasileiros foi a primeira barreira a ser transpassada nesse processo. Contudo, não vejo como um ponto negativo. O Brasil possui uma cultura de negócios muito mais objetiva, onde a tendência é alcançar o consumidor, convergindo com o que acredito ser o ideal. As variações também são aplicadas no relacionamento com os fornecedores e na gestão de pessoas.

Um segundo aspecto interessante e, no meu caso, extremamente motivador, é que empreender fora do meu País de origem, a Argentina, torna o desafio maior no âmbito de networking. Apesar de já estar familiarizado com o Brasil, aqui eu não possuo a rede de contato que tinha lá, por exemplo. Cada passo representa uma novidade, um processo desconhecido, deixando tudo com o sentimento de "primeira vez". Além disso, a barreira do idioma dificultou algumas aproximações comerciais.

Apesar de tudo, o anonimato me permite uma liberdade até então não experimentada. O fato de poucas pessoas saberem quem eu sou afasta os curiosos querendo dar sugestões. Ressalto que ouvir opiniões é sempre muito bem-vindo, mas quando você começa a tirar suas ideias do papel,

muitos palpites podem gerar insegurança. Ao empreender fora do meu País não precisei lidar com isso.

Uma coisa é certa: a experiência de empreender é complexa, seja onde for. O processo vai criando patamares, você vai testando coisas, alternativas, comprovando erros e trilhando um caminho novo a partir daí. A minha experiência é de alguém que trabalhou muito tempo com empresas, mas sempre vivendo uma outra ótica, criando com poucos recursos e interesse dos stakeholders em geral.

O desafio maior para todos que querem começar um novo negócio é o mesmo em qualquer lugar do mundo: convencer os investidores a apostarem em algo que ainda está sendo testado e os fornecedores a oferecerem um produto mais barato para alguém que, a princípio, não existe. O desafio de começar a conversar com todas as esferas e fazer com que elas caminhem em uma mesma direção é bem diferente de todos que eu já vivi na vida.

No balanço final, acredito que, se tivesse novamente que escolher entre empreender na Argentina ou em um País estrangeiro, escolheria o exterior por dois motivos: o desafio me atrai e, no meu ponto de vista, as portas para outros países se abrem mais facilmente. É mais prático para quem vem de fora criar algo no Brasil e levar para outros países, principalmente no próprio continente, do que um brasileiro que vive e empreende em seu país natal.

Eu já estou além da fronteira.

(*) - Formado em Engenharia Industrial pelo Instituto Tecnológico de Buenos Aires, possui MBA pela IAE Business School, além de ser formado em desenvolvimento profissional nos Estados Unidos. É fundador e CEO da Smilink, startup do mercado odontológico que planeja revolucionar o mercado de ortodontia.

Circulação de dengue tipo 2 em 19 cidades põe São Paulo em alerta

A circulação do sorotipo 2 da dengue em 19 cidades foi detectado em São Paulo e colocou o estado em alerta. Desde 2016, apenas o sorotipo 1 da dengue circulava nos municípios paulistas

Pessoas infectadas por sorotipos diferentes em um período de seis meses a três anos podem ter uma evolução para formas mais graves da doença. De acordo com o governo do estado, foram contabilizados 610 casos de dengue até o dia 15 de janeiro.

"Apesar de não ser ainda a maioria dos casos, ele [dengue tipo 2] está circulando já de maneira mais consistente nos municípios da região de Araçatuba, São José do Rio Preto e um pouco em Ribeirão Preto", disse o infectologista Marcos Boulos, coordenador de Controle de Doenças da Secretaria Estadual de Saúde. Dos 645 municípios paulistas, o sorotipo 2 foi detectado em Andradina, Araraquara, Barretos, Bauru, Bebedouro, Catanduva, Espírito Santo do Pinhal, Indaiatuba, Iguapé, Itajobi, Mirassol, Pereira Barreto, Piracicaba, Pirangi, Ribeirão Preto, Santo Antônio de Posse, São José do Rio Preto, Uchoa e Vista Alegre do Alto.



De acordo com o governo do estado, foram contabilizados 610 casos de dengue até o dia 15 de janeiro.

Ele disse que a dengue tipo 2 não é "especialmente pior". O risco está relacionado à superposição de vírus. "Estava circulando o tipo 1 até agora, e quando circula um tipo e aparece um novo sorotipo do vírus, pode ser 2, 3 ou 4, no caso é o 2, aí pode ter uma evolução para maior gravidade para quem já

teve dengue 1", explicou. O infectologista esclareceu que não é mais utilizada a nomenclatura dengue hemorrágica, pois nem todos os casos graves de dengue evoluem com hemorragia.

"Em um caso de dengue no ano passado, quando só circulava o tipo 1, se o paciente estava bem, se tomava líquido pela

boca, mandava para casa e, se tivesse alguma coisa, voltaria. Hoje, para fazer isso, eu tenho que ter convicção. Talvez ficar mais tempo com o paciente no hospital para acompanhar a evolução", explicou. Não há uma explicação para o início da circulação do novo sorotipo. "Esses vírus circulam no mundo todo. Quando você tem o Aedes [aegypti], que é o nosso caso, se vem uma pessoa que está com dengue 2 ou 3 e ele é picado pelo vetor, pode replicar esse vírus".

A melhor forma de prevenção, portanto, independentemente do sorotipo, é evitar a proliferação do mosquito. Há quatro sorotipos de dengue, sendo que três deles circulam no Brasil. Em São Paulo, neste momento, circulam os sorotipos 1 e 2. "Houve uma detecção do tipo 3 agora na região de Araçatuba, mas um caso só. Então se for causar problema, é daqui 2 ou 3 anos, agora não. Nós não temos o 3", destacou (ABR).

Militares israelenses ficarão o tempo necessário

O grupo de 136 militares de israelenses, entre médicos, técnicos e engenheiros, ficará no Brasil o tempo que for necessário. O embaixador de Israel, Yossi Shelley, afirmou que na missão há cães farejadores, equipamentos para captação de sinais de celular e mergulhadores com condições de localizar pessoas vivas e mortas.

"O tempo da missão no Brasil depende da necessidade. A equipe está aqui com grande entusiasmo, e Israel está fazendo o mesmo trabalho de ajuda humanitária que fez em outros países como México e Filipinas."

Segundo o diplomata, trata-se de uma cooperação que envolve "um valor imenso de amizade, de humanidade" entre os dois países.

"Estamos disponibilizando 136 militares, homens e mulheres, com treinamento especial para salvar vidas. Trouxemos

equipamentos de sondas, cachorros farejadores, equipamentos especiais para captação de sinal de celular, mergulhadores, socorro médico e bombeiros. Temos condições de localizar pessoas vivas ou mortas", disse.

O embaixador disse que as negociações para o envio da equipe multidisciplinar de Israel foram definidas entre o presidente Jair Bolsonaro e o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu.

"A amizade de Israel e Brasil está mais forte do que nunca. Lembro que eu falei que Bolsonaro é um segundo Oswaldo Aranha, isso é porque ele fez tantas coisas em pouco tempo que merece esse título. As pessoas precisam entender o valor das coisas que Bolsonaro fez e faz..."

O ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Marcos Pontes, está em Israel para verificar os estudos



mais avançados na área de dessalinização de água. Para o embaixador, as negociações são positivas. "Ele [Marcos Pontes] está fazendo uma visita oficial. Ele vai cuidar da questão da água, a questão da seca do Norte, vai examinar as plantas de dessalinização de água, de reúso de água, de tratamento de esgoto. Ele tem muitos conhecimentos e vai perceber a importância dessa viagem para os dois países".

Ciência e Tecnologia

ricardosouza@netjen.com.br

O que os astronautas têm a ensinar às marcas?

Se nossa razão de existir é ajudar grupos de pessoas a conquistarem feitos incríveis nas empresas, que melhor simbolismo para ilustrar isso do que astronautas e a conquista do espaço?

Francisco S. Homem de Mello (*)

Desde o começo do século 20, a humanidade é fascinada com o céu e suas possibilidades infinitas. Primeiro veio o avião e, depois da Segunda Guerra Mundial, a ambição de conquistar o espaço, turbinada pelo comprometimento assumido por John F. Kennedy, presidente dos EUA que, na década de 60, fez um discurso na cidade de Houston, no Texas.

A fala, que é um marco importantíssimo na exploração do espaço, Kennedy disse sobre a meta de chegar à lua antes do fim da década: um acontecimento marcado por esforços espaciais e o estabelecimento da grande meta que fez os EUA conseguirem esse feito antes mesmo do fim da década de 60. No mesmo discurso, Kennedy reconhece a enorme dificuldade da meta – que é chegar à lua –, mas que isso serviria para que todos concentrassem suas energias e remassem na mesma direção.

O que ele fez foi alinhar os esforços de uma nação inteira aos ideais de uma meta – uma conquista, um feito, que era desbravar o espaço. E organizações são, fundamentalmente, a mesma coisa: gente que se junta para realizar uma missão muitas vezes incrivelmente difícil. Paixão, excelência e garra: isso tudo são os astronautas! Se nossa missão tem tudo a ver com ajudar gente, que se junta para conquistar grandes feitos, os astronautas simbolizam o

que há de mais nobre no ser humano.

Astronautas são intensamente apaixonados pelo que fazem. A maioria deles decidiu, desde pequeno, que queria fazer isso para o resto da vida. Ser um desses é, talvez, uma das jornadas mais difíceis do mundo. Para ser astronauta, é preciso ser formado em engenharia, física, biologia ou matemática. A maioria, no entanto, possui mestrados e PhDs. Mas não é só isso... vem do exército, são necessárias mil horas voando jatos de caça da aeronáutica ou marinha. Depois vem a parte física: visão, saúde cardiovascular e altura, sendo também requisitos.

O próximo passo é passar pela academia de candidatos: um curso de dois anos em que aprendem sobre as tecnologias e realidades do espaço, como o funcionamento da Estação Espacial Internacional; se tornam mergulhadores certificados; são treinados em sobrevivência no mar; aprendem russo e passam pelo famoso acelerador gravitacional que vemos nos filmes. Quando se formam astronautas, esses profissionais podem passar muitos anos sem nenhuma missão espacial. Ficam apenas treinando, treinando e treinando. Quando alocados a uma missão, passam mais algo em torno de dois anos se preparando apenas para isso.

Isso é garra pura! Para não falarmos de quando eles, de fato, "viram" astronautas: imagine o quanto é difícil passar por uma missão, em que as chances de você não

retornar são relevantes, e passar seis meses em uma lata de alumínio, de alguns metros de diâmetro, a um punhado de mil metros da terra. É mole? Além disso, astronautas não podem trabalhar em equipe: são cinco adultos trabalhando nesse espaço, que precisam atingir resultados, executar projetos (como pesquisas científicas, manutenção em equipamentos e os famosos spacewalks), além do time da terra, que trabalha durante vinte e quatro horas por dia no monitoramento.

É uma equipe de mais de cinco mil pessoas, todas apaixonadas pelo espaço, buscando a excelência como prerrogativa, e dedicando suas vidas a uma causa. Eu, enquanto empreendedor de um negócio, também me considero um astronauta, pois é preciso revolucionar a forma com que as empresas trabalham, feito de dificuldades comparáveis à conquista do espaço. Se fomos bem-sucedidos nessa jornada, vamos ajudar nossos clientes, organizações de todos os tipos e setores, a conquistar feitos incríveis, e a ter um impacto gigante e positivo no mundo. Para isso acontecer tem que ter, nada menos, do que astronautas no time: ou seja, gente apaixonada, raçuda e excelente, como todas as pessoas que trabalham em volta das viagens espaciais.

(*) É fundador da Culture.Rocks, software de gestão de desempenho, startup residente no Cubo Itaú – maior centro tecnológico de empreendedorismo da América Latina. Mello é especialista e estudioso em cultura organizacional. Autor do livro *The 3G Way: Dream, People, and Culture*, figurando entre os mais vendidos da Amazon em estratégia e negócios.



News @TI

Parceria disponibiliza MBA totalmente mobile a partir de R\$14,90 por mês

As modalidades de ensino mobile learning e educação a distância têm crescido consideravelmente no Brasil e já são alternativas de capacitação para quem deseja se aperfeiçoar, mas não tem a possibilidade de frequentar uma instituição física, seja por falta de tempo ou condição financeira. De acordo com dados do governo federal, 97% dos brasileiros têm smartphone, o que comprova que o modelo de aprendizagem mobile pode transformar o sistema de educação. Desenvolvido pela mLearn em 2016, startup focada em aprendizagem móvel, o aplicativo QUALIFICA se inova no mercado e disponibiliza o primeiro MBA do Brasil totalmente online, a partir de R\$ 14,90 por mês. A iniciativa foi criada pela Faculdade Arnaldo, para captar um novo público: aquele que não tem tanto tempo para realizar uma pós-graduação, assim uma educação mobile possibilita aos estudantes que ele faça os seus horários. Com herança de valores e qualidade em sua área de atuação herdadas por uma instituição centenária, a Instituição é reconhecida no mercado pela sua tradição e qualidade no ensino.

Amazon Web Services lança AWS Backup

A Amazon Web Services, Inc. (AWS), uma empresa da Amazon.com (NASDAQ: AMZN), anunciou a disponibilidade do AWS Backup, um serviço de backup centralizado e totalmente gerenciado que torna mais rápido e simples para os clientes fazerem backup dos seus dados nos serviços da AWS e on-premise. O AWS Backup facilita a proteção de volumes de armazenamento, bancos de dados e sistemas de arquivos, oferecendo aos clientes um único serviço para configurar e auditar os recursos da AWS, como: automatizar o agendamento de backup, definir políticas de retenção e monitorar backups recentes e restaurações em um único local. À medida que as empresas migram mais os aplicativos para a nuvem, seus dados podem ser distribuídos em vários serviços, incluindo bancos de dados, armazenamento em blocos, armazenamento de objetos e sistemas de arquivos. Embora esses serviços na AWS ofereçam recursos de backup, os clientes geralmente criam scripts personalizados para automatizar o agendamento, aplicar políticas de retenção e consolidar a atividade de backup em vários serviços para atender melhor aos requisitos de conformidade com os negócios e compliance (aws.amazon.com/backup).